

A Pandemia de Covid-19 e a Falência dos Imaginários Dominantes

The Covid-19 Pandemic and the Failure of the Dominant Imaginaries

*Christian Laval¹ 

Tradução: Elton Corbanezi

Revisão Técnica: José Miguel Rasia

Resumo

Este ensaio aborda a crise dos imaginários dominantes no contexto atual da pandemia de Covid 19. Inicialmente, apresenta-se a concorrência como princípio fundamental do imaginário neoliberal e dos processos de subjetivação contemporâneos para então abordar a crise de tal imaginário provocada mundialmente pelo novo coronavírus. Em seguida, problematiza-se o retorno ao imaginário da soberania, nacionalista e autoritário, como reação à crise. Como conclusão, o ensaio defende a urgência da solidariedade comum e vital entre os indivíduos em nível institucional, nacional e internacional como forma de superação da crise global.

Palavras-chave: Pandemia de covid-19. Imaginário neoliberal. Imaginário da soberania. Concorrência. Processos de subjetivação.

Abstract

This essay analyzes the crisis of the dominant imaginaries in the current context of the Covid-19 pandemic. Initially, the essay presents competition as a fundamental principle of neoliberal imaginary and contemporary processes of subjectivation to discuss the crisis of this imaginary caused worldwide by the new coronavirus. Then, the text problematizes the return to the imaginary of sovereignty, nationalist and authoritarian, as a reaction to the crisis. In conclusion, the essay defends the urgency of common and vital solidarity among individuals at the institutional, national and international levels as a way to overcome the global crisis.

Keywords: Covid-19 pandemic. Neoliberal imaginary. Imaginary of sovereignty. Competition. Processes of subjectivation.

O mundo está parado. O que jamais pôde realizar a greve geral de antigos revolucionários que sonhavam “tudo parar” para que tudo recomeçasse sobre uma nova base está em vias de se realizar de um modo trágico, em razão de um micróbio patogêno. E, no entanto, sabemos bem: um vírus não será suficiente para mudar o mundo. Certamente, veremos em breve todos os assassinos do planeta e os amantes do

¹ Paris-Nanterre, Unité de Formation et de Recherche, Sciences Sociales et Administration, Département de Sociologie (UFR/SSA, Nanterre, La Défense, França). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1806-8786>.

lucro retomarem o controle de nossas vidas. A despeito de todo pessimismo que é legítimo manter contra as ilusões de um novo começo, há uma nota de esperança. Esta pequena e frágil nota ressoa no vazio de imaginários que até havia pouco dominavam os espaços públicos e mesmo nossas existências privadas. O neoliberalismo que triunfava em todos os lugares ainda ontem, e que estava sempre mais insolente, sempre mais arrogante, sempre mais orgulhoso de ter conseguido fazer os povos pagarem a fatura da crise financeira de 2008, conhece hoje um dos maiores abalos de sua história. É provável que não vejamos se produzir, ao menos rapidamente, a demissão todavia legítima de dirigentes políticos, nem a expropriação necessária de capitalistas que conduziram a terra inteira a essa catástrofe, e a todas aquelas que vão se seguir. Mas nós já assistimos ao esvaziamento completo do imaginário que circundava as consciências, aprisionava os corpos, constrangia as existências. O que já está aí, e não é insignificante, é a *crise do imaginário neoliberal*. Repito, certamente não se trata do “fim do neoliberalismo”, sistema de dominação universal, multidimensional, social e econômico, jurídico e político. As oligarquias neoliberais estão no poder há muito tempo e desejam nele permanecer por longo tempo ainda. E farão tudo para se manter no poder, não abandonarão uma polegada de seus territórios conquistados, nem um grão de suas rendas, nem a sombra de uma de suas evidências. Elas vão tentar certamente, à imagem de Macron, sempre à frente na audácia, se travestir em virtuosos altermundialistas, humanistas de sempre, ecologistas de primeira hora, e até mesmo defensores radicais do fim da globalização. Os falsos profetas já retornam à cena para dizer o contrário do que anunciavam ontem, contando com a amnésia geral para continuar suas previsões ineptas. Mas a dissimulação que os dirigentes atuais preferem é ainda aquela do soberanismo (*souverainisme*) estatal-nacional. Esse imaginário de contra-ataque reencontra as palavras de um velho mundo que se acreditava desaparecido desde a globalização capitalista, com acentos nacionais diferentes evidentemente, referências históricas locais, grandes modelos lendários. Na França, é De Gaulle, na Grã-Bretanha, Churchill, nos Estados Unidos, Roosevelt. Infelizes os povos que não podem vangloriar-se de um herói da Segunda Guerra Mundial, pois estavam do lado errado da história. E, no entanto, qual o valor do imaginário da soberania nacional diante da pandemia que é, por definição, mundial? Pode ocupar o lugar de laço social durante muito tempo, apresentar a imagem confiável de um corpo coletivo autossuficiente, cuja completude poderia servir de defesa eficaz contra o vírus global?

A dupla questão que é preciso colocar hoje consiste, portanto, em saber, de um lado, até onde pode ir essa crise do imaginário neoliberal, e, de outro, qual a chance de o imaginário da soberania erigir-se como substituto possível do imaginário neoliberal.

O Imaginário Neoliberal: a Concorrência como Princípio Vital

O neoliberalismo pode ser objeto de ao menos duas abordagens tão complementares quanto rivais. Uma, sob o modelo das análises foucaultianas, insiste sobre a tecnologia política específica do neoliberalismo, e enfatiza o tipo original de governamentalidade que o caracteriza. A outra sublinha a dimensão imaginária, ou seja, o conjunto de significações mediante as quais os indivíduos a ele submetidos representam o mundo, os outros e a si próprios. As duas abordagens da governamentalidade e do imaginário são complementares, na medida em que o *processo de subjetivação* que produz o sujeito neoliberal é duplo.

De um lado, a subjetivação neoliberal é o resultado de condutas repetidas, induzidas pela situação na qual se encontram os sujeitos. A norma de condutas está então como fixada na ordem das coisas, nas coerções objetivas que se impõem às práticas e às escolhas. Assim, a concorrência de mercado é uma norma cristalizada nos jogos econômicos e que pertence à própria situação de mercado. O que caracteriza o governo neoliberal é a “pilotagem” à distância das condutas pelo ordenamento do meio em que acontecem a vida cotidiana, o trabalho, os estudos, o lazer, a saúde, a residência etc. A governamentalidade neoliberal se define então como uma *mesopolítica* (do grego *mesos*, meio), isto é, como uma política que passa pelo estabelecimento e pela manutenção de situações que forcem a agir conforme normas inscritas no meio, conforme uma lógica inerente às situações. Nesse sentido, o neoliberalismo é uma racionalidade política que tem por originalidade histórica estender ao conjunto de domínios sociais as normas do mercado, isto é, a concorrência, e a forçar assim os indivíduos a tornarem-se seres competitivos, feitos para a competição, ou, como dizia uma célebre formulação de Foucault, “empreendedores de si mesmos”. Nada diz, desse lado do processo de subjetivação, que o indivíduo, para se dobrar às normas da situação da qual ele é presa, deve necessariamente aderir aos valores do mercado ou a outras representações do homem e da sociedade que estariam relacionadas ao neoliberalismo. Para uma governamentalidade neoliberal ideal, bastaria fixar as normas na realidade, de maneira perfeitamente unilateral, sem ambiguidade, para orientar as práticas segundo a lógica da concorrência, aí compreendidas as práticas daqueles que não aderem, de maneira nenhuma, ao imaginário neoliberal.

Sob este ângulo, o neoliberalismo aparece como uma forma de poder que se pretende técnico, neutro, pragmático. O instrumental político do neoliberalismo é, por excelência, a gestão da competição, que se estende a todos os domínios da existência pela implantação de instrumentos de registro contábil dos resultados da atividade, da avaliação individual das competências, das técnicas de *benchmarking* e de *ranking*, em outros termos, pela implantação do conjunto de ferramentas que permitem construir todos os meios a partir do modelo do mercado econômico. O modo de governo das condutas segundo o princípio da concorrência é suscetível de se articular com ideologias estranhas à pura lógica do mercado, sem, por isso, cessar de se impor como racionalidade dominante. Como diz W. Brown (2007, p. 67) à sua maneira: “O neoliberalismo pode se impor como governamentalidade sem constituir a ideologia dominante.” O exemplo norte-americano é rico de ensinamentos a esse respeito. O neoconservadorismo se impôs como ideologia de referência da nova direita, ainda que o “teor altamente moralizador” dessa ideologia parecesse incompatível com o caráter “amoral” da racionalidade neoliberal². Vemos hoje, em todos os lugares, da Turquia à Índia, passando pela Hungria ou pelo Brasil, governos ultraconservadores, às vezes com nítida inclinação fascista, implementar uma tecnologia neoliberal aparentemente estranha a suas ideologias nacionalistas e religiosas.

De outro lado, o processo de subjetivação se opera pela adoção de representações que satisfazem a necessidade de sentido dos seres humanas, uma necessidade que, como Max Weber sublinhou diversas vezes, está no princípio da

² Vale notar que a autora discorre nessa mesma nota sobre o neoconservadorismo como uma “ideologia”: “Neoliberalismo e neoconservadorismo diferem sensivelmente, em especial porque o primeiro funciona como racionalidade política, ao que passo que o segundo permanece uma ideologia” (BROWN, 2007, p. 86, nota 6).

dinâmica histórica das sociedades. Em outros termos, as condutas humanas têm geralmente tendência a serem *significativas*, isto é, orientadas pelas significações sociais e culturais que lhes são exteriores e portadoras, elas próprias, das significações por relação declarada de fidelidade, de conformidade ou de adequação com as significações sociais e culturais às quais os sujeitos aderem. O neoliberalismo é então outra coisa que uma mesopolítica, ele comporta uma dimensão mais clássica de *representação* do mundo, do homem e da sociedade. Sem dúvida, o neoliberalismo é menos original sob esse aspecto que sob o outro, mas não deixa de ser caracterizado por significações originais, em especial as que fazem do “manager”, do empreendedor, do startupper o herói absoluto. Não se pode, portanto, parar no paradoxo weberiano, e que era também o de Marx, segundo o qual o mercado teria abolido por si mesmo, devido à prevalência da racionalidade do interesse, toda dimensão de significação cultural. Para Weber, se um dos fatores do nascimento do espírito do capitalismo devia ser procurado nas metamorfoses da religião cristã, não restava mais nada desta com o advento do capitalismo, estranho a toda ética da fraternidade como a toda transcendência³. Marx, por sua vez, desde o *Manifesto* até *O Capital*, não parou de insistir sobre a impiedosa máquina de acumular que é o capitalismo, o qual podia contar com a “violência econômica” para se impor quase automaticamente. O paradoxo da racionalização e da acumulação tende a ocultar a arbitrariedade própria do mercado e do capitalismo, a não considerá-los como significações imaginárias como outras. Ora, mesmo no regime capitalista mais frio e mecânico, as atividades têm um sentido e baseiam-se em significações gerais para as sociedades e em um certo regime de identificações sociais para os indivíduos. É o que mostra o neoliberalismo.

Mas o que é então o imaginário especificamente neoliberal e o que o diferenciaria do imaginário capitalista em geral? O último encontrou no utilitarismo seu reservatório de significações e de identificações, especialmente com o triunfo do interesse como motivação universal do pensamento e da ação e a figura do *homo oeconomicus* como figura identificatória (LAVAL, 2017). Pierre Bourdieu (2017) tende a reduzir o neoliberalismo à figura clássica do *homo oeconomicus*, o que tem por falha principal não permitir identificar com precisão suficiente a novidade da governamentalidade e do imaginário neoliberal. Certamente, há razão para sublinhar que o imaginário neoliberal faz sobressair um economicismo generalizado e que se apoia na imagem do indivíduo calculador e responsável, trabalhador, econômico e previdente, conforme um discurso que acompanha o desmantelamento dos sistemas de aposentadoria, de educação e de saúde públicas. Mas, ao insistir sobre o caráter finalmente muito banal desse individualismo utilitarista, parece-nos dizer que o neoliberalismo não apresenta nenhuma significação nova ao menos desde o século XVIII. Ora, é um grave erro, não apenas no plano do instrumental político, mas também no plano do imaginário.

O que há de novo no neoliberalismo é um imaginário da performance do qual o esporte de competição é, ao mesmo tempo, modelo e espetáculo. Não que este tivera o privilégio histórico de ser, de alguma forma, uma causa do neoliberalismo. Ele é apenas a metáfora da ilimitação humana no coração do

³ Pensamos aqui, evidentemente, nas últimas páginas de *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, e, de forma mais específica, na passagem em que Weber (2004, p. 165) afirma que o capitalismo “repousa, doravante, sobre uma base mecânica”.

imaginário neoliberal. E esse imaginário neoliberal de ilimitação está evidentemente em estreita relação com a forma histórica assumida pelo capitalismo globalizado com alto teor financeiro. A ilimitação é, sem dúvida, uma dimensão originária do próprio capital, se levamos em consideração Marx, que fez, precisamente, da lógica da “mais valia” (*Mehrwert*) o impulso desse sistema de produção animado pelo deus obscuro do “sempre mais”. A superação das fronteiras pelo capital global e a desvinculação de toda materialidade produtiva pelo capital especulativo permitiram à ilimitação capitalista se tornar uma dimensão imaginária que invade tudo e, em particular, as subjetividades. Propusemos, com Pierre Dardot, o termo “ultrassubjetivação” para dizer que o sujeito do neoliberalismo se prende ao seu próprio esforço para superar-se, para atingir objetivos sempre mais elevados (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 357). Não somos apenas, com efeito, consumidores enganados pelo *marketing* e trabalhadores explorados dos quais se extrai a mais-valia, nós somos obrigados pelo imaginário neoliberal a agir como empresas que devem tirar de nós mesmos uma mais-valia.

Distender e transgredir os limites, ir além de si, tal é a norma que sustenta esse imaginário. Nós nos identificamos como “capital humano”, necessitando viver segundo a norma do “sempre mais”. O imaginário da performance se impõe em todas as instituições e acaba por apoiar todas as técnicas de gestão que nelas se implanta. O discurso oficial de governantes, dotados da autoridade política soberana, cumpre papel decisivo ao assemelhar o Estado a uma empresa e os governantes, isto é, eles mesmos, a “chefes de empresa”, a exemplo de Trump ou de Macron. Mediante a linguagem da empresa que se infiltra até nos domínios tradicionalmente orientados por outra ética totalmente diferente, como a saúde e a educação, esse imaginário da onipotência empreendedora tende a fazer de toda a sociedade um imenso campo de competição, fora do qual há apenas infelicidade, pobreza e indignidade.

Os dois planos, da governamentalidade e do imaginário, se unem e formam uma totalidade subjetiva que deixa pouco espaço à dissidência e à diferença. Essa subjetivação neoliberal é a forma subjetiva normal, a relação de si para consigo normal. No domínio da forma física, da saúde, da sexualidade, do consumo e do sucesso profissional, é sempre a não limitação que prevalece. Tudo que obsta essa corrida insana deve ser condenado como pertencente a um arcaísmo nocivo à felicidade, contrário à vida. Toda inibição psíquica, reserva ética e precaução social são vistas como defeitos pessoais a serem superados. A valorização da extrapolação de limites, nas finanças como na sexualidade, é acompanhada da depreciação de todas as formas de proteção social e de solidariedade. O imaginário neoliberal é a exaltação idealizada de uma forma de existência fundada na lógica do próprio capital. Com o neoliberalismo, a norma capitalista se torna forma social e regra de vida. A concorrência erige-se em princípio vital para a coletividade e para o indivíduo. Esse imaginário neoliberal é, ao mesmo tempo, evolucionista e vitalista, para não dizer neodarwiniano. A concorrência não é apenas um mecanismo inerente ao mercado que permite a melhor alocação de recursos, segundo o dogma da economia neoclássica; a concorrência se tornou um princípio de vida. É ela que deve orientar as sociedades em direção às melhores instituições, permitir aos indivíduos desenvolverem-se, ou separar com mais precisão os “vencedores” e os “perdedores”.

A Pandemia e a Crise do Imaginário Neoliberal

Não é muito difícil de compreender o que, no choque real da pandemia, acaba por obstruir esse imaginário vitalista, reduzi-lo à mais completa insignificância, mostrando, sobretudo, seu caráter extremamente nocivo. Quando se trata de vida e morte das populações, a concorrência não tem nenhuma utilidade, ou, mais exatamente, esse imaginário só poderia servir para justificar que os mais ricos sejam mais bem protegidos do vírus do que os mais pobres. O princípio vital da concorrência manifesta-se, cada vez mais, como uma justificativa da sobrevivência dos mais ricos e perde, então, toda sua pretensão de universalidade. Mais ainda, o que a pandemia revela é que a sociedade real, a sociedade realmente útil, não funciona por concorrência, mas, totalmente ao contrário, por cooperação social, interdependência geral de funções e “solidariedade social”, conforme a expressão dos sociólogos clássicos. A outra “revelação” que o poder de contaminação do vírus opera é que essa solidariedade não é apenas econômica, ela concerne à relação entre os corpos, à proximidade que cada um mantém com os outros em suas interações cotidianas, em uma palavra, a pandemia revela a inutilidade do imaginário individualista, mostrando, ao contrário, a dependência universal entre corpos individuais, através da palavra, do contato físico, do compartilhamento do espaço comum. A pandemia realiza um tipo de retirada da repressão que pesava sobre o trabalho realmente importante em uma sociedade. De repente, os cuidadores da saúde, mas também os vigias, os entregadores, os caixas, os funcionários da limpeza, os caminhoneiros, os professores, os coletores de lixo e todos os trabalhadores invisíveis do cotidiano aparecem como aqueles que realmente fazem a sociedade viver, que produzem as condições de base para que haja uma vida comum. Ora, todos esses, que pertencem aos níveis inferiores da hierarquia social, que são os mais mal pagos e frequentemente os mais desprezados, não fazem parte dos heróis do imaginário neoliberal. Eles são aqueles que Macron, num dia em que discursava diante de jovens empreendedores de startup, chamou de “pessoas que não são nada”. Como derrisórias aparecem, mais do que nunca, o culto ao dinheiro, a corrida pelo sucesso, a luta cínica pelo poder. Uma outra narrativa, mais positiva, impõe-se paralelamente, baseando-se na abnegação dos cuidadores da saúde, na cooperação de cientistas e em todos os pequenos gestos cotidianos de ajuda mútua. E não é insignificante que em determinados países, todas as noites, na mesma hora, uma parte da população confinada posiciona-se à janela para aplaudir aqueles que estão “na linha de frente” da solidariedade. Aparece então a possibilidade de um outro mundo, que se fundamentaria sobre serviços públicos mais fortalecidos, mais bem respeitados e financiados, o que implicaria o estabelecimento de maior justiça social e fiscal, a redução drástica de desigualdades, o controle democrático da economia e a submissão das finanças às necessidades da sociedade.

Mas há talvez um signo ainda mais importante da crise do imaginário neoliberal que diz respeito à visão de futuro que ele traz. Como Weber fazia em seu tempo, deve-se perguntar pelos efeitos de uma decepção de massa quanto à promessa de felicidade futura. É esse grande desencantamento que começamos a viver e que é acelerado pela pandemia hoje. Isso vai muito além da crise econômica que se anuncia e de suas terríveis consequências sociais. Com a pandemia, estamos lidando com uma aceleração da *crise de esperança*. Esta crise é mais importante, na medida em que ela ultrapassa o plano das subjetividades individuais, mais ou menos deprimidas, mais ou menos pessimistas. A esperança é um cimento social, se acreditamos em Marcel

Mauss, para quem toda comunidade tem a forma de uma expectativa comum. Ora, o imaginário neoliberal continha uma promessa desse tipo, por menos crível e por mais negada pelos fatos que ela fosse: por meio da aplicação do princípio da concorrência a todas as atividades, da extensão do campo da performance, do escoamento mecânico da riqueza em direção aos mais pobres, a prosperidade viria, cedo ou tarde, simplesmente em virtude do acréscimo da eficácia geral do sistema. Sabemos, hoje, que nada dessa crença é fundamentado. Vamos em direção ao pior, e o imaginário neoliberal não apenas nada pode fazer, como é ele que nos conduz nesse rumo. A lição do vírus global é, desse ponto de vista, radical.

O Imaginário Soberano: Último Recurso Contra o Vírus?

A crise do imaginário neoliberal não o conduz, todavia, à sua superação. E isso porque, já há muito tempo, a exasperação dos “perdedores” do concorrencialismo neoliberal foi, em grande parte, canalizada e neutralizada por ideologias e líderes demagogos, que fizeram da nação, da etnia, da religião, e, mais geralmente, da identidade comunitária majoritária, uma saída eleitoralmente muito eficaz. Esse contramovimento autoritário, nacionalista e frequentemente religioso explora os efeitos destrutivos sobre as vidas na globalização capitalista e o sentimento de privação e de desespero que foi sua sequência lógica. O contramovimento não coloca em questão, de maneira nenhuma, a governamentalidade neoliberal, mas tenta, antes, dissociá-la do imaginário neoliberal tal como o descrevemos acima. É, doravante, em termos culturais e como membros de uma comunidade nacional que os indivíduos devem prioritariamente se definir.

Podemos chamar “imaginário soberano” a crença segundo a qual apenas a soberania nacional defendida pelo Estado-nação constituiria a nova salvaguarda, a nova esperança no lugar de uma globalização fracassada. É preciso repetir que o nacionalismo identitário e violento não combate o capitalismo em si mesmo, mas o que, na globalização, ameaça uma determinada pureza nacional, étnica e religiosa. O autoritarismo de Modi, Erdogan, Bolsonaro, Putin ou Trump, e muitos outros, dirige a sua fúria contra bodes expiatórios, imigrantes, estrangeiros em geral, muçulmanos ou judeus, conforme o caso, o que não impede, em absoluto, tais dirigentes de conduzir políticas “*probusiness*” particularmente radicais, em especial em matéria fiscal e social. Na realidade, encontramos-nos diante de um “novo neoliberalismo”, formação híbrida da governamentalidade neoliberal e do imaginário soberano que visa a integrar a cólera popular contra o “sistema” e a revertê-la, de forma extremamente hábil, com a ajuda de proposições demagógicas, contra os próprios interesses populares. Essa maneira bastante original de salvar o neoliberalismo da agonia completa, como conseguiu fazer até agora Trump, pode sobreviver à pandemia? Em outras palavras, o nacionalismo e o autoritarismo vão sair fortalecidos dessa crise, como podemos temer, ou, ao contrário, mostrarão seu aspecto derrisório?

Certamente, há elementos da situação que suscitam reflexão. Dani Rodrik (2020) apresentou uma tese provocativa ao afirmar que provavelmente nada mudaria com a Covid-19:

A crise atual põe claramente em evidência as características dominantes do regime político de cada um dos Estados, que se tornam, de fato, uma versão amplificada de si mesmos. Poderíamos, assim, testemunhar uma crise que, em vez de constituir a reviravolta

que muitos anunciam para a política e a economia em nível mundial, em vez de conduzir o mundo a uma trajetória significativamente nova, intensificaria e consolidaria, de fato, as tendências existentes.⁴

A retórica da “guerra contra o vírus”, o apelo à repressão policial e a mobilização do exército em um grande número de países para fazer respeitar o confinamento, a hiperverticalização de decisões, mesmo incoerentes, são todos exemplos disso. É igualmente a instauração, em numerosos países, do “estado de urgência sanitária” que abre o caminho a políticas autoritárias ainda raramente observadas nas democracias. A fascinação de determinadas elites pelo modelo totalitário chinês, a tentativa da vigilância de massa possibilitada pelas redes sociais, e, como na Hungria de Orban, a instauração de uma ditadura aberta, são fatos que vão nesse sentido. Poder-se-ia acrescentar que há grandes chances de a crise econômica constituir o pretexto para medidas coercitivas sobre os trabalhadores que necessitarão da mão de ferro do patronato e do Estado para impô-las à população. Sabemos que a expansão do neoliberalismo, em curso há cinquenta anos, sempre aproveitou de crises para se fortalecer e que isso só foi possível mediante a redução progressiva de liberdades públicas e a implementação de dispositivos antissindicais. É possível que aconteça o mesmo novamente sob o pretexto de que será preciso pagar a dívida e retomar o crescimento trabalhando ainda mais, como já indicaram, na França, representantes do patronato e membros do governo.

Há, no entanto, outro elemento a ser considerado. O etnonacionalismo e o soberanismo estatal baseiam-se em descontentamentos populares nascidos de causas reais, estritamente ligadas à globalização capitalista, em particular, a diminuição da proteção social, a estagnação ou a baixa de salários, a precarização, as desigualdades de rendas etc. Mas, poderá a pandemia desempenhar amanhã o mesmo papel de fermento da cólera da qual se beneficia a extrema direita com as crises financeiras ou o desemprego de ontem? Pode-se duvidar disso, ao menos uma vez passados os profundos ressentimentos com relação a governantes que não anteciparam, tampouco administraram a crise pandêmica. Pois, de que maneira o reestabelecimento da soberania nacional poderia ser a resposta adequada a um fenômeno tão global quanto uma pandemia? Em vez disso, o nacionalismo dos Estados impede um contra-ataque coordenado em nível mundial, como se cada país devesse enfrentar isoladamente a pandemia, como se houvesse 197 epidemias nacionais. Quanto aos países mais ricos, a começar pelos Estados Unidos, eles fazem uma guerra desleal para se apossar das máscaras, dos testes e dos respiradores. A União Europeia mostra o pior exemplo da luta de todos contra todos, como se a “vitória” na “guerra” contra o vírus mundial pudesse ser apenas nacional. Incapaz de ter uma estratégia sanitária coordenada, apesar da interdependência das economias europeias, a UE é igualmente incapaz de responder de maneira unificada à ameaça de colapso econômico geral. As velhas reações egoístas retornam: os Países Baixos e a Alemanha recusam qualquer mutualização de dívidas com os países europeus mais afetados pela pandemia. Enquanto a OMS invoca um vasto programa de solidariedade aos países do Sul, os mais mal equipados para enfrentar as consequências da infecção, os países do Norte reservam de forma possessiva seus equipamentos e seus recursos financeiros.

⁴ É a tese do professor de Harvard, Dani Rodrik (2020), em: “Le Covid-19, une crise qui ne va rien changer”.

O Retorno do Comum

Em entrevista ao jornal suíço *Le Temps*, Suerie Moon (2020), codiretora do Centro de Saúde Global do Institut de Hautes Études Internationales et du Développement, explicava com pertinência que:

[...] a crise que atravessamos mostra a persistência do princípio da soberania estatal nas questões mundiais. [...] Sem a perspectiva global que oferece a OMS, atiramo-nos em direção à catástrofe. Essa perspectiva lembra também, às lideranças políticas e sanitárias de todo o planeta, que a abordagem global da pandemia e a solidariedade são elementos essenciais que incitam os cidadãos a agir de maneira responsável.

Em vez de um “retorno do Estado soberano”, pode-se esperar que forças sociais e políticas tenham a capacidade e a vontade de colocar à frente a urgência da solidariedade comum na escala de cada país e em escala mundial. A crise pandêmica mostra que apenas uma *solidariedade vital* entre humanos pode combater, de forma eficaz, a difusão do vírus na população. E, para tanto, é preciso, em cada país, serviços públicos que funcionem como verdadeiras instituições do comum (*institutions du commun*). Além disso, quando o contágio é mundial, a necessidade política mais urgente da humanidade é a instituição de *comuns mundiais* (*communs mondiaux*), de que a OMS é uma forma bastante imperfeita, ainda excessivamente submissa à rivalidade entre Estados e muito dependente de financiamentos privados. Atualmente, os riscos maiores são globais, e a ajuda recíproca só pode ser mundial. O que nos acontece nos dias atuais é apenas uma prefiguração de catástrofes por vir se não mudarmos, desde hoje, as trajetórias econômicas e ecológicas. É, portanto, desde já que precisamos trabalhar para uma outra organização política mundial fundada na instituição de comuns mundiais, especialmente em matéria sanitária, climática, financeira, migratória, educativa, cultural. Nem o neoliberalismo, nem o soberanismo podem responder às necessidades da humanidade. É o que nos ensina tragicamente a crise pandêmica.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. *Anthropologie économique*. Paris: Seuil, 2017.
- BROWN, Wendy. *Les habits neufs de la politique mondiale*. Paris: Les prairies ordinaires, 2007.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo, Boitempo, 2016.
- LAVAL, Christian. *L'Homme économique: essai sur les racines du néolibéralisme*. Paris: Gallimard, Coll. «Tell», 2017.
- MOON, Suerie. Avec le coronavirus, les Etats-Unis courent au désastre [Entretien]. *Le Temps*, Lausanne, 12 mar. 2020. Disponível em: <https://www.letemps.ch/monde/suerie-moon-coronavirus-etatsunis-courent-desastre>. Acesso em: 11 jun. 2020.
- RODRIK, Dani. Le Covid-19, une crise qui ne va rien changer. *Les Echos*, Paris, 9 avr. 2020. Disponível em: <https://www.lesechos.fr/idees-debats/editos-analyses/le-covid-19-une-crise-qui-ne-va-rien-changer-1193461>>. Acesso pelo tradutor em: 11 jun. 2020.
- WEBER, Max. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

*Minicurrículo do Autor:

Christian Laval. Professor emérito de Sociologia na Universidade Paris-Nanterre. Pesquisador Associado do Institut de Recherches de la FSU (Paris). Professor Emérito do Laboratório SOPHIAPOL – Unité de Recherche en Sociologie, Philosophie et Anthropologie Politiques. E-mail: christian.laval@u-paris10.fr.